

CAPÍTULO 4

UMA INSTITUIÇÃO COM DESEJO DE CONTROLE: A IGREJA E SEU PODER NO OCIDENTE MEDIEVAL

Guilherme Henrique Marsola

RESUMO

O objetivo do presente artigo é realizar algumas considerações sobre o poder da Igreja na Idade Média, e a forma como a influência religiosa se manifestou no âmbito da sociedade. No contexto de fragmentação política que caracteriza o Ocidente entre os séculos XI e XIII, os diversos reinos, embora independentes, se harmonizam na ideia de Cristandade. A Igreja procurou assumir a prerrogativa de guiar e unificar os cristãos sob princípios divinos, influenciando nos aspectos culturais e científicos, na vida privada e nas atividades econômicas. Suas normativas baseavam-se na Bíblia e nos escritos de intelectuais cristãos, como Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo. Igreja. Poder. Idade Média.

1. INTRODUÇÃO

A Igreja e seu poder na Idade Média é objeto de investigação por parte de diversos historiadores – a exemplo de Peter Brown, Jacques Le Goff, Georges Duby e Thomas Woods Jr., Daniel Rops, Paul Johnson, entre muitos outros historiadores – pois a influência cristã está presente no seio da sociedade medieval, ou seja, independente da temática que o medievalista se dedique a estudar, ele se depara com as marcas do cristianismo.

Desde aspectos normativos no tocante à vida social, como a Paz de Deus e a Trégua de Deus, ou regulamentações impostas às atividades econômicas, como a compra e venda, por exemplo, até a regulamentação dos casamentos e da vida conjugal, a Igreja atua como instituição norteadora da cristandade medieval.

Neste texto, o objetivo é refletir sobre o papel da Igreja e sua atuação no Ocidente a partir da afirmação da ideia de Cristandade, e como a instituição atuou na normatização da sociedade medieval, em seus aspectos políticos, econômicos e culturais.

2. A CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA CRISTÃ

O esplendor que a Igreja obteve na Idade Média foi um processo que teve suas origens na crise do século III do Império Romano, pois, a partir deste século, Roma passou por sérios conflitos políticos e dificuldades econômicas que acentuaram a desconfiança no poder dos imperadores e na crença dos deuses pagãos, já que não respondiam aos anseios da sociedade. A estratégia adotada pelos governantes do Antigo Império europeu foi costurar uma aliança com o cristianismo, pois a doutrina de Jesus vinha ganhando um número considerável de

seguidores que poderiam colaborar para assegurar a sobrevivência do Império. Neste sentido, Constantino tira da clandestinidade os cultos cristãos através do Edito de Milão em 313, e Teodósio emite o Edito de Tessalônica que torna o cristianismo como religião oficial do Império Romano e do próprio imperador, em 380.

Apesar de todos os esforços, em 476 o Império Romano do Ocidente não resiste aos ataques estrangeiros e entrega suas regiões para os líderes bárbaros (GUZMÁN, 2002). Porém, a hegemonia da Igreja continua³, pois era reconhecida como herdeira do legado romano, o que facilitou a formação de laços entre os chefes dos reinos germânicos e o papa, situação que se estende até a formação de um novo império no Ocidente, o Carolíngio. Carlos Magno tornou-se um defensor do cristianismo e do próprio papado.

Nos séculos VIII e IX, o Ocidente passa por uma nova leva de invasões, especialmente, com os povos escandinavos. O resultado foi uma nova reorganização política e geográfica do continente, fator primordial para a consolidação do futuro sistema feudal (SILVA, 2019). Dentre diversas características do feudalismo, pode-se destacar a fragmentação do poder público e a fragilização das instituições políticas, pois os indivíduos deviam mais obediência aos senhores locais do que os monarcas. A figura do rei foi vista mais como algo imaginário do que concreto, já que, por mais que havia um poder real, as decisões tomadas pelos senhores feudais eram mais importantes (FRANCO JR, 2001).

A realidade é que entre os séculos X e XI, a Europa viveu um contexto de vácuo de uma autoridade forte e central, bem como de uma instituição que fosse guia e se mostrasse presente diante das pessoas, e a Igreja buscou assumir esse protagonismo (POLLY; VAUCHEZ; FOSSIER, 2001), ou seja, por mais que as pessoas não estivessem unidas sob um poder político com as rígidas delimitações geográficas, elas ainda podiam contar com uma instituição que fazia esta unidade. A consolidação deste ideal se deu com a criação e difusão do ideal de *Cristandade*, termo explicado por Daniel Rops:

O que é então a Cristandade no momento em que atinge seu pleno desenvolvimento, isto é, no século XII? Dependendo da perspectiva com que se olhe (do céu ou da terra), podem-se dar duas definições, ambas solidárias. Em sentido lato, a Cristandade é o conjunto de homens regenerados por Cristo, que aspiram ao seu reino; em sentido estrito, a sociedade dos cristãos enquanto vivem na terra e buscam fins temporais, partindo, porém, da base de que esses fins devem ser ultrapassados e realizados em Deus. A Cristandade é, portanto, um povo, a linhagem que nasceu de Cristo, que se

³ O objetivo dos invasores do século V não era destruir o Império Romano para formar uma nova sociedade, mas sim, se tornarem membros da cultura dos romanos. Ou seja, muito do que existia entre os romanos era visto como positivo pelos germânicos e, conseqüentemente, sobreviveu à invasão, como foi caso da religião cristã.

nutre dele e se dessedenta no seu sangue. É uma “nação”, uma comunidade que não está necessariamente ligada a um quadro geográfico e na qual todos os membros se sentem em sua própria casa. É uma sociedade, *populus christianus*, em que todas as desigualdades sociais e profissionais devem conciliar-se. É, enfim, uma pátria, por cujos interesses cada membro deve estar disposto a sacrificar a vida. As ordens religiosas militares serão os exércitos internacionais da pátria cristã, e, como disse com tanta justeza Étienne Gilson, a Palestina será a “Alsácia-Lorena” da Cristandade (ROPS, 1993, p. 40).

O historiador Jacques Le Goff (2005) pontua que a Igreja pensava a sociedade muito além de uma ideia de igualdade ou um mundo em que todos viviam em conformidade com evangelho, mas como um organismo humano em que cada indivíduo tinha uma função e deveria atuar para manter o funcionamento da ordem social, e levar em consideração que a “cabeça” do corpo social era a Igreja, uma vez que era a instituição detentora do conhecimento e capaz de dar as coordenadas para guiar a sociedade. Um dos maiores exemplos desta hierarquia social imposta pelo sagrado é a tripartição social⁴ em: *Oratores* (clero), *Bellatores* (nobres guerreiros) e *laboratores* (camponeses).

O clero engloba os sacerdotes, monges e aqueles que dedicavam à vida para orar e pedir a Deus bênçãos para o mundo. Os nobres guerreiros são aqueles que recebem uma porção de terra para administrar e assumem a missão de proteger o seu suserano. Os camponeses constituem a camada mais baixa da esfera social e trabalham para sustentar as duas outras ordens.

O importante de se observar é que este modelo de sociedade foi proposto pelos membros da Igreja que se colocaram em uma camada superior. Também não se tratou de uma iniciativa cristã embasada por questões políticas, pois, na Bíblia, há passagens que respalda a formação da cristandade com o clero no comando:

Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo, pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito. O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos. E o pé disse: "Mão eu não sou, logo não pertencço ao corpo", nem por isto deixará de fazer parte do corpo. E se a orelha disse: "Olho eu não sou, logo não pertencço ao corpo", nem por isto deixará de fazer parte do corpo. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria a audição? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. Não pode o olho dizer à mão: "Não preciso de ti" nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: "Não preciso de vós". Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários, e aqueles que parecem menos dignos de honra do corpo são os que cercamos de maior honra, e nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência;

⁴ Le Goff enfatiza que este modelo de tripartição social é teórico, pois, na prática, haviam diversos grupos mas sim, se tornarem membros da cultura dos romanos. Ou seja, muito do que existia entre os romanos era visto como positivo pelos germânicos e, conseqüentemente, sobreviveu à invasão, como foi caso da religião cristã.

os que são decentes não precisam de tais cuidados. Mas Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual solicitude uns com os outros. Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria. Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte (BÍBLIA, 1 Coríntios, 12, 12-27).

Para reforçar seu poder, a Igreja elaborou uma série de mecanismos de controle individual, como os símbolos e ritos (POLLY; VAUCHEZ; FOSSIER, 2001). Um dos mais conhecidos foi a presença da Igreja em vários momentos da vida do cristão com os sacramentos, a exemplo: ao nascer, a criança é apresentada à comunidade e recebe o batismo; durante a juventude, há rituais que marcavam o recebimento da primeira comunhão e da Crisma; já adulto, os indivíduos decidem se desejam receber o sacramento da ordenação para se tornarem membros diretos do clero (padres, bispos ou pertencentes às ordens religiosas) ou do matrimônio para constituir família; na proximidade da morte, há o sacramento da unção dos enfermos, na qual o sacerdote se dirigia até a pessoa que se encontrava enferma e pedia, junto a Deus, a absolvição dos pecados.

Também é importante mencionar o culto aos santos e mártires, pessoas que fizeram algum ato glorioso ou que deram sua vida em nome da Igreja, e que forma reconhecidas após a morte. Os santos são conhecidos por serem os intercessores entre Deus e os homens. O tempo e o espaço também foram alvos de sacralização cristã, com a instituição de uma visão cronológica do tempo – a vida começa com a criação do mundo por Deus, tem seu auge com a vinda de Jesus Cristo e caminha para o fim dos tempos – e com formação de uma rede paroquial: um incentivo à construção de espaços de oração como forma de aumentar a presença da Igreja diante dos fiéis.

A adoração de objetos, santos ou vestes consideradas sagrados pela Igreja é uma prática que se enraíza firmemente. Tomás de Aquino, doutor da Igreja defende esta devoção:

Como diz Agostinho, se as vestes paternas, um anel ou coisas semelhantes tanto mais queridas são dos filhos, quanto maior o afeto que tinham pelos pais, de modo nenhum devemos desprezar o corpo que nos é muito mais familiar e muito mais unido, do que qualquer roupa que usemos; pois, o corpo pertence à própria natureza humana. Por onde é claro, que quem tem afeto por outrem venera-lhe também o que dele resta, depois da morte; e não só o corpo ou partes do corpo, mas também certos bens exteriores, como as vestes e outros semelhantes. Ora, é manifesto que devemos venerar os santos de Deus, como membros de Cristo, filhos e amigos de Deus e nossos intercessores, Por isso, devemos lhes venerar quais relíquias, com a honra devida, em memória deles; e sobretudo os seus corpos, que foram os templos e os órgãos do Espírito Santo; que neles habitou e operou, e hão de assemelhar-se ao corpo de Cristo pela glória da ressurreição. Por isso, o próprio Deus honra convenientemente essas relíquias, fazendo milagres na presença delas (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q.25, a.6, sol.).

Rituais de expulsão de demônios, os ideais de jejum e oração, a peregrinação para lugares considerados como sagrados, e as penitências também foram pensados pela Igreja como elementos para garantir seu domínio sobre as pessoas. Nota-se, também, um interesse por parte dos religiosos de controlar e normatizar a vida social, tanto a pública como a privada (PERNOUD, 1997), por isso, há uma proliferação de manuais de conduta para as mais diversas atividades, tais como: a prática comercial, as guerras, o casamento e a criação dos filhos. “A arte, a economia, a política [estavam submetidas], pelo menos em teoria, à moral” (MANDONI, 2014).

Para a Igreja, o mundo estava condenado a uma constante guerra das forças do bem (comandadas por Deus) contra as forças do mal (guiada pelo Demônio) e cabia a cada um decidir qual caminho desejava seguir, sendo que, aqueles que optassem por estar ao lado do criador teria uma vida próspera na terra, com boas colheitas e resultados positivos nas guerras, diferente dos que estivessem ao lado do inimigo do Pai, pois teria insucessos nas atividades agrícolas e dificuldade na guerra. Este ideal foi discutido pela historiadora Daniela Calainho, que apresenta de que forma esta dualidade estava no cotidiano dos cristãos:

O mundo para os homens do Ocidente medieval tinha um caráter ameaçador e inseguro: uma natureza da qual dependiam, em regra hostil, mas que não era explicada cientificamente; doenças que não sabiam combater; a presença quase constante da fome e da carestia; o medo do desconhecido. Por isso, o mundo sobrenatural adquiriu uma força significativa nesta sociedade, onde o universo era visto como funcionando a partir da ação das forças do bem e do mal. Ou seja, Deus e o diabo estavam em todas as partes em todas as manifestações concretas da vida: as boas dádivas – colheitas fartas, clima favorável às plantações, fertilidade da terra, vitória em guerras – eram signos da presença divina atuando. Mas, quando o diabo se fazia presente, o mal se abatia sobre os homens: más colheitas, tempestades, secas, derrotas etc.

Não era possível para este homem compreender o mundo de outra forma. Esta dualidade estava manifesta em todos os momentos. Para que o homem estivesse sempre sob as influências divinas, ele deveria desenvolver sua espiritualidade através das *obras positivas* aos olhos de Deus como forma de combate às forças do mal e às influências diabólicas (CALAINHO, 2014, p. 113-114).

Para os intelectuais da Igreja medieval, a humanidade estava condenada pelo pecado cometido por Adão e Eva, que desrespeitaram a vontade de Deus e comeram o fruto proibido, dando origem ao pecado, por isso, toda a descendência humana era pecadora e a missão seria provar ao Senhor, que mesmo com o erro de seus ancestrais, o homem podia obter a salvação eterna após sua morte (BASCHET, 2006). A Igreja se coloca como instituição responsável por ajudar o homem a conquistar a salvação eterna, sendo a única capaz de normatizar o mundo terreno.

Um sábio cristão que discutiu sobre a ideia de salvação eterna foi Agostinho de Hipona ao acreditar que “a salvação anda longe dos pecadores” (AGOSTINHO, 2007, p. 45), e que

Deus “não irá conceder a vida eterna em sua cidade celestial em companhia de seus anjos aos cidadãos da Cidade terrestres⁵” (CIUDAD DE DIOS, V, 15). Para o filósofo, a maneira de chegar ao reino de Deus, considerado por ele como um paraíso terrestre, era ficando livre e longe de pecados e seguindo o que diz a Igreja.

3. A INFLUÊNCIA DA IGREJA NO OCIDENTE EUROPEU

Até então, foi destacado que desde os princípios da Idade Média, a Igreja assume uma posição de destaque na sociedade, e tem seus ideais incorporados na mentalidade cristã. Neste sentido, ela procura manter relações com os poderes temporais através de alianças ou como instituição de poder em momentos de crises políticas marcados por uma fragilidade do poder de monarcas ou imperadores. A Igreja estabelece mecanismos de controle individual, como os sacramentos individuais, sacralizações do tempo e do espaço, ideais de peregrinações e o dualismo entre Deus e o demônio, além da difusão da ideia de salvação eterna após a morte.

No âmbito da produção cultural, a religiosidade manifestou-se, sobretudo, nas artes, pois as pinturas e esculturas tinham por objetivo louvar a Deus ou transformar as narrativas bíblicas em imagens. A arte gótica do século XIII⁶ foi a maior expressão deste movimento, com a construção de catedrais monumentais, erguidas através de uma proporcionalidade geométrica impecável e a utilização de vitrais coloridos para decoração. Ernest Gombrich (2000), faz algumas considerações sobre o estilo Românico, predecessor do estilo gótico, cujas pinturas e esculturas neste período, sendo que boa parte reproduzia narrativas bíblicas ou tinham alguma ligação com o sagrado.

Seja a arte Românica ou Gótica, as marcas da Igreja e do sagrado estiverem presentes na produção artística medieval, uma forma de compreender como os artistas aceitaram os preceitos cristãos. Além dos pintores e arquitetos, o grupo dos guerreiros também sofreu influência dos ideais religiosos, tendo em vista que a Igreja assume o protagonismo da guerra na Idade Média, como é o caso das cruzadas – movimento militar liderado pelo papa com o objetivo de recuperar a Terra Santa dos ataques muçulmanos (FRANCO JR, 1999). Para além, houve a instituição dos já mencionados preceitos de guerra como a “Paz de Deus” e “Trégua de

⁵ Na obra *A cidade de Deus*, Agostinho de Hipona divide a sociedade em dois grupos: os pertencentes à Cidade de Deus e os à Cidade dos homens, onde no primeiro caso os habitantes vivem em função de seguir os mandamentos do Senhor e glorificar a todo tempo o criador do céu e da terra, enquanto no segundo as pessoas estão mais preocupadas com a vida terrena e viver para atender seus prazeres e desejos. Na Cidade de Deus os moradores vivem no paraíso após a morte, enquanto na Cidade dos Homens são condenados à danação eterna.

⁶ Vale mencionar que o termo “gótico” foi cunhado pelo pintor renascentista Rafael Sanzio, com o interesse de ridicularizar a Idade Média e sua produção cultural e associar o que foi produzido no período com algo bárbaro, ou seja, uma produção inferior ao que a arte da modernidade produziu (FRANCO JR, 2001).

Cristo”, os quais limitavam os movimentos militares em determinados dias da semana e ainda instigava os guerreiros a não lutarem contra outros cristãos, pois eles eram irmãos na Cristandade. Seus inimigos eram aqueles que agiam contra Cristo, os *infiéis* (CALAINHO, 2014).

A produção científica na Idade Média teve uma intervenção direta da Igreja, pois foi ela quem mais incentivou o surgimento das universidades e o desenvolvimento da produção do saber, sendo este submetido aos ensinamentos do cristianismo (WOODS JR, 2005). A ciência surge com o propósito de compreender a perfeição do universo que foi criado por Deus, autor da vida, que deveria ser a medida de todas as coisas, e a *Bíblia* era o instrumento de referência para os cientistas, livro que devia ser considerado como a fonte de toda a verdade. Da mesma forma, as escolas eram instituições comandadas pela Igreja e o conteúdo ensinado também era ditado pelos líderes cristãos, apesar de existir instituições laicas (MANDONI, 2014).

A própria vida privada foi alvo dos ideais religiosos, pois mesmo rituais que tinham uma tendência à laicidade, a Igreja marcou sua presença, como nos casos do ritual de investidura

Este era criado por três atos, realizados diante de testemunhas, mas poucas vezes colocado por escrito. O primeiro ato era a homenagem, pela qual um indivíduo (o futuro vassalo) se ajoelhava diante de outro (que se tornava o senhor feudal), colocava suas mãos nas dele e se reconhecia como “seu homem”. O segundo ato, logo a seguir, era o juramento de fidelidade: depois de se pôr em pé, o vassalo jurava sob a Bíblia ou relíquias de santos. Muitas vezes, especialmente na França, a fidelidade era selada pelo *osculum*, beijo trocado entre ambos. O terceiro ato era a investidura, pelo qual o senhor entregava ao vassalo um objeto (ramo, punhado de terra etc.) simbolizador do feudo então concedido (FRANCO JR, 1986, p. 44).

Embora não sejam mencionados na citação de Hilário Franco Júnior, boa parte dos rituais de investidura eram realizados em espaços sagrados, como a Igreja, e o que mais chama a atenção ao analisar a passagem é o segundo ato do ritual, quando o vassalo jurava sob a Bíblia ou algum objeto sagrado o seu compromisso de fidelidade. Este ato reforça a influência que a Igreja tinha sobre as pessoas, pois até para um ato laico a espiritualidade estava presente, assim como colocar a fé como prova de sua palavra, é mais um exemplo de como as pessoas tinham temor a Deus e pensariam antes de ousar mentir sobre a palavra do Senhor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja foi uma instituição que teve um instinto de controle durante a Idade Média, pois durante boa parte do período medieval, com a instituição da ideia de Cristandade, procurou afirmar sua hegemonia na sociedade, utilizando diversos mecanismos de controle, tanto públicos como individuais. No campo dos mecanismos públicos, destaca-se o desejo do papa em assumir o controle político da sociedade, mesmo que fosse preciso realizar alianças com

lideranças monárquicas. Quanto ao controle individual, a Igreja instituiu uma série de símbolos e ritos que marcam a vida dos cristãos, bem como a ampliação da construção de Igrejas e templos nas terras feudais, a criação de um dualismo entre o bem e mal como forma de atrair as pessoas a seguirem os ditames do cristianismo, e a difusão do ideal de salvação eterna.

O resultado da presença da Igreja na mentalidade medieval, aparece na produção artística do período, como a construção de Igrejas românicas e góticas e a produção de imagens repletas de narrativas bíblicas. A vida cotidiana também era influenciada pela Igreja, com instruções normativas como a “Paz de Deus” e a “Trégua de Cristo”. A educação e produção científica também foram influenciadas pela religião, uma vez que a ciência almejava compreender a perfeição do universo criado por Deus. Os rituais laicos também tinham um viés cristão, como foi o caso das investiduras feudais, quando o receptor da terra fazia um juramento sob um objeto sagrado, tal como a *Bíblia*.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jersusalém. São Paulo: Paulus, 1995. 1555.

AGUSTÍN, S. **Obras completas de San Agustín: La Ciudad de Dios** (2º). v.17. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988.

AURÉLIO AGOSTINHO (SANTO AGOSTINHO). **Confissões**. São Paulo: Editora Nova Cultura (Coleção os Pensadores), 2004.

BARROS, J.A. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. **Horizonte**, Belo Horizonte, n. 15, dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2009v7n15p53/2477>. Acessado em: Fev, 2023

BASCHET, J. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

CALAINHO, D. **História Medieval do Ocidente**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2. ed. São Paulo: brasiliense, 2001.

FRANCO JÚNIOR, H. **O feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRANCO JÚNIOR, H. **As cruzadas**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOMBRICH, E. **A História da Arte**. Curitiba: LTC, 2000.

GUZMÁN, A.A. Desintegración del Imperio Romano. *In*: PALENZUELA, V.A (coord.). **Historia universal de la Edad Media**. Barcelona: Ariel, 2002. p. 3-20.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

MANDONI, D. **O cristianismo na Idade Média**. São Paulo: Loyola, 2014

PERNOUD, R. **Luz Sobre a Idade Média**. Portugal: Europa-América, 1997.

POLLY, J-P.; VAUCHEZ, A.; FOSSIER, R. **El despertar de Europa**. Barcelona: Crítica, 2001.

ROPS, D. **A igreja das catedrais e das cruzadas**. São Paulo: Quadrante, 1993.

SILVA, G.V; SOARES, C.S. O “fim” do mundo antigo em debate: da “crise” do século III à antiguidade tardia e além. **Revista Eletrônica de Antiguidade**, Rio de Janeiro, nº 1, 2013. Disponível em: <http://neauerj.com/Nearco/arquivos/numero11/9.pdf>. Acessado em: Fev, 2023.

SILVA, M.C. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica** (ST, I-II, q. 1-48). São Paulo: Loyola, 2005.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII A XIII**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

WOODS JR, T. **Como a Igreja católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.